

# XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

## II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



### **Evangélicos em rede: o processo de expansão social evangélica**

Patrick Vitaliano Carvalho Morenghi<sup>1</sup>

No corpo do texto, você deverá desenvolver o conteúdo apresentado durante a comunicação. Por favor, observe as orientações estabelecidas pela comissão organizadora do XVII Simpósio da ABHR/II Simpósio Nacional de Estudos da Religião da UEG. As configurações deste layout estão em acordo com as orientações (fonte, espaçamento, margens) e por isso recomendamos o seu uso.

O texto referente ao trabalho apresentado na Associação Brasileira de História das Religiões é um estudo de caso que procura compreender o papel das estratégias avivamentistas<sup>2</sup>, entre os anos de 1990 até 2010, dentro do campo evangélico<sup>3</sup> brasileiro, ramo do protestantismo, que é o termo “comumente usado em textos acadêmicos para se referir ao grupo religioso advindo da Reforma Protestante e seus desdobramentos” (BELLOTTI, 2010, p. 56). Analisou-se a implantação de uma determinada estratégia, denominada “visão celular”, que foi incorporada pela igreja Comunidade Cristã de Ribeirão Preto (CCRP), a partir do ano 2000, e que propiciou um crescimento vertiginoso desse grupo religioso. Os criadores da “visão celular” foram o

---

<sup>1</sup> Formação em história, e atualmente aluno de mestrado do programa de Pós-Graduação de História, pela Universidade Federal de Ouro Preto e aluno de mestrado

<sup>2</sup> Para compreender o conceito de avivamento para as igrejas evangélicas ver: FERREIRA, Franklin. Avivamento para a igreja: o poder do Espírito Santo e da oração na renovação da igreja. São Paulo: Vida Nova, 2010.

<sup>3</sup> É importante apontar que a diferenciação entre evangélico, pentecostal e protestante é um campo de debate e disputa entre grupos religiosos e acadêmicos, o que não significa a inexistência de consensos, mas, a depender da escolha do conceito, pode-se compreender a qual conjunto de valores é reivindicado. Também existe uma diferença na tradução entre movimentos do Brasil e Estados Unidos, onde a tradução de Evangelical pode não fazer referência aos Evangélicos no Brasil. Optou-se por utilizar evangélicos por englobar diferentes denominações, apesar da maioria das igrejas que adotaram a “visão celular” se denominarem pentecostais. Também se reafirma que o protestantismo é compreendido como parte da religião cristã. Ver BEBBINGTON, David. Evangelicalism in modern Britain: a history from the 1730's to 1980's. Abingdon: Routledge, 1988; GRUDEM, Wayne; ASMUS, Barry. Economia e política na cosmovisão cristã: contribuições para uma teologia evangélica. São Paulo: Vida Nova, 2016; DE MORAES, Gerson Leite. Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. Revista de Estudos da Religião junho / 2010 / pp. 1-19.

casal de pastores Cláudia e Cesar Castellanos, responsáveis pela igreja Missão Carismática Internacional, localizada na Colômbia. O casal se inspirou no pastor coreano David Yonggi Cho, líder da Igreja do Evangelho Pleno, que, na década 1990, alcançou a marca de um milhão de membros nos núcleos familiares da sua igreja. Esses núcleos familiares, presentes na igreja coreana, foram renomeados como células, experiência descrita por Cesar Castellanos no livro *Sonha e Ganharás o Mundo*.

A estratégia chama-se “visão celular” por fazer referência ao versículo de Hebreus<sup>4</sup>, no qual o texto bíblico destaca palavras de salvação transferidas por anjos, e, não passíveis de transgressão. Os evangélicos pentecostais<sup>5</sup> interpretam esse texto a partir da ideia de avivamento, que seria a constituição de “uma enorme família de filhos semelhantes a Jesus.” (FIGUEIRA, 2006, p. 5). Essa família seria unida e numerosa, mas “não se trata de um amontoado de gente sem padrão” (Idem). O “padrão” seria uma vida de acordo com a doutrina evangélica, na qual Jesus é postulado como exemplo a ser seguido. Para concluir o desejo divino, os seguidores das comunidades evangélicas, guiadas pela “visão”, definem “elementos fundamentais: propósito e estratégia” (Idem). Tal descrição do objetivo divino (“uma enorme família”) seria o objetivo almejado, e a “visão celular”, então, seria a estratégia para consolidar esse objetivo, que foi revelada às lideranças evangélicas para realizá-lo.

A CCRP, igreja selecionada para o estudo de caso do presente projeto, é o resultado da fusão de outras duas igrejas, que possuíam a influência de movimentos pentecostais e carismáticos, e não eram filiadas a nenhuma das grandes denominações pentecostais ou carismáticas brasileiras, portanto, uma igreja autônoma. A pesquisa se insere no campo que investiga o crescimento das igrejas autônomas oriundas ou influenciadas pelo pentecostalismo<sup>6</sup>. O processo de adoção dessa estratégia ocorre de

---

<sup>4</sup> BÍBLIA, N. T. Hebreus 2:2. In: BÍBLIA. Português. A Bíblia de Promessas. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 2006. p. 337.

<sup>5</sup> Pentecostalismo é uma denominação que se desdobrou do protestantismo no ano de 1905 em Los Angeles, na rua Azusa. Ver Matos, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *Fides Reforma*, XI, n.2, p. 33-35, 2006. O movimento pentecostal não é homogêneo, e alguns teóricos dividem em ondas seu desenvolvimento que gerou algumas diferenças doutrinárias, como o dom da cura divina, glossolalia e a teologia da prosperidade. Ver Mariano, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 24-32; PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito*. São Paulo: Edusp, 1998.

<sup>6</sup> BOECHAT, João; DUTRA, Roberto; PY, Fábio. Teologia da Prosperidade Campista: apóstolo Luciano e suas ressignificações religiosas na igreja pentecostal semear. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 38(2): 198-220, 2018.

comum acordo em igrejas já existentes, que compreenderam a “estratégia avivamentista” como revelação divina para perpetrar o ímpeto avivamentista, o qual compreendem como propósito primeiro dos cristãos.

A igreja em células é um modelo mais descentralizado, com a participação de membros fixos das próprias comunidades, denominados líderes. Toda pessoa que se torna membro da comunidade evangélica, na qual adota a “visão celular”, deve ser ensinada a liderar um núcleo religioso da igreja, que por sua vez precisa se reunir semanalmente em qualquer espaço da cidade onde se localiza a igreja. Todo líder é responsável por ensinar os novos membros a se tornarem líderes, que terão que fundar novos núcleos. A estrutura dos núcleos é denominada célula. A primeira liderança da igreja é o pastor, ou, comumente, um casal de pastores, que terão doze lideranças sob sua orientação. E cada liderança, também, é responsável por liderar o mesmo número de pessoas. Tal sistema se denomina G12, alusão aos doze discípulos que Jesus constituiu de acordo com os evangelhos bíblicos e as doze tribos de Israel. A CCRP é liderada pelo casal de pastores Danilo e Mônica Figueira.

A estrutura das células — elemento fundamental da “visão celular” — é a proposta de divisão da igreja na qual pequenos grupos, que deverão se reunir em diversos locais da cidade onde esteja sediada a igreja, com o propósito de alcançar novos membros.

Uma igreja em células é uma comunidade de cristãos baseada em pequenos grupos, que se reúnem regularmente nas casas, locais de trabalho, escolas e outros lugares apropriados, com o objetivo de promover evangelismo, pastoreamento, comunhão, oração e ensino da Palavra de Deus. (FIGUEIRA, 2003. p. 7)

As células “não são uma opção entre todos os demais programas e estruturas, mas são estrutura principal, na qual todos devem estar inseridos” (Idem). A diferença desse modelo para o convencional é a maior organicidade, que possibilita “gozar de uma comunhão pessoal com outros membros” (Idem) e constituir relações interpessoais entre os indivíduos, que são parte do conjunto de adeptos. Ao analisar nesse projeto a “visão celular” como uma estratégia religiosa, que corrobora com o ímpeto avivamentista, adentramos, portanto, no debate sobre a ascensão do espaço

ocupado pela religião a partir da década dos anos 1970, e a possibilidade de um processo de dessecularização<sup>7</sup> do mundo.

Vários pesquisadores<sup>8</sup> no campo da história e sociologia da religião no Brasil buscaram compreender o crescimento acelerado do campo evangélico no país<sup>9</sup>, principalmente dos pentecostais, pois representam a maior parte deste crescimento. Essas pesquisas enfocaram na utilização dos meios de comunicação de massas por parte de líderes pentecostais como estratégia de ampliação de suas igrejas, além de demonstrarem a adaptabilidade das comunidades pentecostais a um ambiente de profundas transformações na segunda metade do século XX e início do século XXI. Ricardo Mariano (MARIANO, 1999, p.8) observa uma transformação nas práticas sectárias e demais ações que por muito tempo estigmatizaram as comunidades pentecostais. Tais mudanças ocorreram como uma adaptação das igrejas pentecostais que tentaram atingir uma nova parcela de seus seguidores. O sociólogo propõe, em sua tese, que as transformações do novo pentecostalismo, que surge na década de 1970, inaugura uma nova onda do ramo pentecostal, que ele denomina neopentecostal.

A comunicóloga Magali Cunha propõe a avaliação da aproximação entre filhas da modernidade (CUNHA, 2007), culturas midiáticas e urbanas, e a cultura gospel, que passou a adotar estratégias oriundas dessas culturas devido a transformação do

---

<sup>7</sup> Conceito adotado por Peter Berger ao criticar a ideia de ascensão da modernidade em conjunto com ascensão da secularização. Ver BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 21(1): 9-24, 2000.

<sup>8</sup> Existe uma vasta composição de pesquisas que procuram a compreensão do pentecostalismo brasileiro e seu crescimento, mas as abordagens se distinguem na preocupação com o aumento da participação na política institucional que os seguidores dessa denominação iniciaram, como a presença de parlamentares eleitos, protagonismo em determinados partidos políticos e ocupação de conselhos tutelares, como exemplos da participação na vida pública brasileira; mas também pesquisas que enfocam na adaptação à cultura moderna, com uso das mídias; além da abordagem sobre a relação do pentecostalismo com outras religiões de matrizes afro-brasileiras. Ver BELLOTTI, Karina Kosicki. **Delas é o reino dos céus**: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (1950-2000). São Paulo: Annablume/Fapesp, 2010; BELLOTTI, Karina Kosicki. Surfando nas ondas do Senhor: juventude evangélica e mídia no Brasil (anos 2000-2010) **RELEGENS THRÉSKEIA** estudos e pesquisa em religião V. 03 – n. 01 – 2014; Leonildo Silveira. **Teatro, Templo e Mercado**. Vozes/Simpósio Editora/Umesp, Petrópolis, São Paulo, São Bernardo do Campo, 1997; CUNHA, Magali. **A explosão gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X; Instituto Mysterium, 2007.

<sup>9</sup> Os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil no período intercensitário. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Em 1991, este percentual era de 9,0% e em 1980, 6,6%. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000. Resultado dos Dados Preliminares do Censo – 2010. <https://censo2010.ibge.gov.br/>

conjunto de seguidores. Tal abordagem endossa como a cultura moderna não pode ser, também, intrinsecamente secular, como desenvolve Peter Berger (BERGER, 2018). O autor afirma como movimentos de secularização permite a ascensão de movimentos antisseculares, além de não evitar a capacidade de adaptação que religiões podem desenvolver.

Tais abordagens procuraram compreender o processo de adaptação e acomodação, responsáveis por engendrar o movimento evangélico no formato que se distinguiu dos demais campos da religião cristã no Brasil. A delimitação da “visão celular”, como objeto de pesquisa, localiza-se nesse contexto de abordagem. Ao focar uma “estratégia avivamentista”, de uma igreja específica, coloca-se em análise as ações sociais desse grupo. Elas são impulsionadas por um ímpeto “avivamentista”, que é influência do etos pentecostal (teorizado adiante), e responsáveis por conformar as redes sociais<sup>10</sup>.

Tais redes sociais são possibilitadas devido as estruturas constituídas pela “visão celular”, com maior descentralização e agência ativa dos membros da igreja. A atuação dessas múltiplas lideranças religiosas permite uma maior mobilidade da igreja, por não depender de grandes estruturas físicas ou líderes de ofício, aumentando a sua capacidade de mobilização e integração. Por sua vez, a identidade coletiva dessa rede social será o arcabouço de significados da igreja e seus membros. Ela mediará a interpretação e a finalidade da ação coletiva, superando outras fontes de significado, como propõe Castells. Para o autor, a

construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, por instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço. (CASTELLS, 2018. p. 55).

Portanto a identidade coletiva, que compreende os membros da comunidade religiosa, reorganiza o seu sistema de significados. Tal sistema se constitui de signos e

---

<sup>10</sup> Escolheu-se o conceito redes sociais com base no sociólogo James Jasper. O termo também é designado em comunidades evangélicas, porém com outro sentido. Os evangélicos utilizam rede com referência a pescaria, profissão de Pedro discípulo de Jesus Cristo, e como metáfora a procura de aumentar os seguidores do cristianismo. Ver JASPER, James M. Protesto: uma introdução aos movimentos sociais. Zahar, 2016.

linguagem específica. Portanto, é necessário a circunscrição dos signos e linguagem utilizados entre os membros e responsável por diferenciar os seguidores da igreja em relação ao mundo. Para Castells (Idem), o conjunto de significados está circunscrito na inter-relação de fatores culturais e, através desse conjunto, pode-se compreender a construção da identidade coletiva.

Assim, delimita-se para essa pesquisa, como a “estratégia avivamentista” da “visão celular” se desenvolveu no interior da CCRP e como ela possibilitou a conformação de redes sociais. Também a construção da identidade coletiva dessa rede social através da influência do pentecostalismo. Além de buscar a relação entre a conformação das redes sociais e da construção de uma nova identidade coletiva e o contínuo processo de crescimento da corrente religiosa que mais cresce no Brasil desde as últimas décadas do século XX e início do século XXI.

Percebe-se, através da atual leitura das fontes, a intensa capacidade de promover ações sociais de ímpeto avivamentista na igreja Comunidade Cristã de Ribeirão Preto ao mobilizar os membros da comunidade no objetivo de ampliar o número de pessoas da igreja. Sugere-se que exista uma estreita relação entre a conformação das redes sociais, juntamente com a construção de uma identidade coletiva, que desenvolveu na igreja a intensa capacidade de mobilizar os fiéis em torno de um objetivo comum, o que se pode compreender como uma possível causa da continuidade do crescimento no número de evangélicos oriundos de igrejas evangélicas autônomas.

Também se pensa que o etos pentecostal possui uma influência inter-denominacional, por desenvolver-se em uma igreja que não pertencente a nenhuma grande denominação pentecostal, nem se auto reivindica como parte da tradição pentecostal, um ímpeto avivamentista; por sua vez, esse ímpeto participa da constelação de fatores presentes na tomada de decisão da comunidade (possível de ser confirmado nas fontes analisadas previamente) por optar pela estratégia de “visão celular”. Logo o etos pentecostal pode ser considerado constitutivo da conformação das redes sociais e da construção de uma identidade coletiva. Portanto tais fatores (presença do etos pentecostal, conformação de redes sociais e construção da

identidade coletiva) engendram na CCRP um novo formato de eclesiologia, desenvolvendo-se como um processo de eclesiogênese.

Para a presente pesquisa, apresentada na comunicação, foi necessário constituir um quadro interpretativo que analisasse como igrejas<sup>11</sup> evangélicas autônomas constituíram-se como um grupo social orgânico, imbuídos de valores, objetivos e métodos, além de forjarem uma identidade coletiva e, assim, compreender o processo de adoção de estratégias avivamentistas, especificamente, a estratégia da “visão celular”. O sociólogo James Jasper define grupos sociais constituídos de identidade coletiva como redes sociais. Para o sociólogo, as redes sociais por qual as mobilizações são realizadas, sendo preponderantes para as ações e execuções dos movimentos sociais. Portanto, neste trabalho, compreendeu-se que as comunidades evangélicas são redes sociais que permitem tanto a mobilização para estratégias avivamentistas, como para a consolidação de uma identidade coletiva do grupo. Manuel Castells define a identidade coletiva como um “processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalecem(m) sobre outras fontes de significado” (CASTELLS, 2018, p. 54). O significado é o responsável por dar sentido a ação social concretizada pelas redes sociais evangélicas constituídas na igreja CCRP. Sérgio da Mata define esse conjunto de significados como “sistema de símbolos particular” (DA MATA, 1996, p. 153), e, também, demonstra como esse sistema é responsável pelas decisões concretas, portanto, pela ação social.

Assim, optou-se por seguir a metodologia proposta por Max Weber em *Economia e Sociedade*, e, desse modo, compreender o sentido, ou sistema de significados, por trás da ação social. Se complementa a essa ideia as proposições de Sérgio da Mata ao afirmar que é necessário dominar os códigos de um universo

---

<sup>11</sup>A caracterização de igreja se faz a partir das reflexões de Ernest Troeltsch, que define a igreja como uma instituição conservadora, na qual procura o controle das massas e tem como princípio o universalismo, e, portanto, passa a ter uma relação de aceitação com o poder secular. O ascetismo presente na igreja tem como característica a preparação para a vida sobrenatural, onde é conduzido sob tutela da igreja. Tais características são centrais para compreender a pretensão de expansão dos domínios da igreja em conseguir conquistar toda a humanidade. A definição de Troeltsch é um tipo-ideal, Sérgio da Mata afirma que a tradução de valores simbólicos é responsabilidade da igreja, portanto, conforme a transformações de cada contexto, essas características se alteram para enquadrar novas traduções dos valores simbólicos na constituição de outras visões de mundo. Ver: TROELTSCH, Ernest. Igrejas e Seitas. *Religião e Sociedade*, 14 (3): 134-144, Rio de Janeiro.

religioso (sua linguagem) para efetivamente obter sua compreensão. Portanto, a escolha metodológica do presente projeto é, também, uma cuidadosa análise dos códigos utilizados pelas comunidades evangélicas, e, conseqüentemente, a exposição do sentido que motiva a ação avivamentista presente na estratégia da “visão celular”. Ao passo que a interpretação desse fenômeno avivamentista religioso deve se concentrar, mutuamente, no processo da implementação da estratégia e, também, a identidade da comunidade constituída após o período de crescimento.

Para tanto, é necessário recorrer aos autores do campo teológico para decodificar a linguagem desses movimentos religiosos, seus valores e objetivos a partir de uma base de códigos comum. Isso permite a possibilidade de caracterizar a influência do etos pentecostal na cultura evangélica brasileira. O teólogo Roberto McCallister definiu esse conjunto filosófico como imaginário social pentecostal<sup>12</sup>, além de elencar aspectos desse imaginário, como o mover de Deus através das pessoas, a ideia de um mundo dividido entre material e espiritual, juntamente com a ideia que ambos os mundos possuem interferência, um em detrimento do outro, usualmente traduzido pela expressão “confissão positiva”, e o processo epistêmico pentecostal, que não vê a legitimação teológica como a origem do sentimento de fé, mas o que torna explicativo toda a experiência religiosa. Portanto, um processo epistêmico fundamentado nas experiências sensitivas individuais e coletivas presentes nos grupos pentecostais. Essa caracterização se torna incontornável para a apreensão dos motivos que levam os seguidores a se engajarem em um projeto, que ao primeiro olhar pode parecer desconectado do mundo material, mas, no qual, na verdade, as ações sociais coletivas parecem viabilizar a concretização de determinada visão escatológica de mundo.

As revelações das estratégias que devem ser adotadas nas igrejas visam a construção de um mundo que possibilitará o retorno de Cristo, denominado pelas comunidades evangélicas de juízo final, e a elevação dos filhos de Deus para o paraíso. Esse objetivo final não pode ser compreendido apartado da ideia sobre a confissão

---

<sup>12</sup> O conceito “imaginário social pentecostal” foi desenvolvido com base nas discussões do historiador e filósofo Charles Taylor por teólogos como McCallister e James K. A. Smith com a tese que entre igrejas oriundas do movimento pentecostal não possuem um arcabouço doutrinário comum, mas uma filosofia com aspectos comuns, desenvolvidos socio-historicamente em distintas sociedades ao longo da sua existência como movimento teológico e religioso. Ver McALISTER, Walter. O pentecostal reformado. São Paulo. Vida Nova, 2018; SMITH, James K. A. Thinking in togues: Pentecostal contributions to Christian philosophy. Grand Rapids. Eerdmans, 2010.

positiva, pois ao compreender que a salvação se constitui a partir de uma escolha individual, o conjunto de membros da igreja é responsável por possibilitar o avivamento, o qual ocorrerá quando um número específico de pessoas, ambicionado e não revelado por Deus, se confessarem e aceitarem serem filhos de Deus. Portanto, o crescimento dos seguidores não é apenas um sonho de lideranças, mas de toda a rede social que compõe o conjunto de membros das comunidades evangélicas.

Luckmann, em sua obra *A religião invisível*, desenvolveu reflexões sobre a revitalização da religião, que, para ele, se fundamentaria em constantes antropológicas, desenvolvidas social e historicamente, e, interiorizadas de forma que mediam a interpretação dos indivíduos. O sociólogo adverte para a incapacidade do ser humano criar por si só um cosmo “objetivo e moral” (LUCKMANN, 2014, p. 76), de forma que os seres humanos internalizam “um universo de significados historicamente dados” (Idem). Tal formulação contrária a ideia clássica de secularismo, já que é impossível a constituição de uma identidade individual formada independentemente dos processos de socialização humanos dados historicamente.

Porém, as transformações estruturais, processo de industrialização e urbanização, condicionaram, nesse sentido, mudanças profundas na religião e nas formas de se relacionar com as religiosidades. Essas mudanças foram lidas como enfraquecimento da religião, e, como um desencantamento do mundo diante da modernidade. A religião, para Luckmann, sofreu uma profunda transformação na modernidade, que teria reduzido o que Luckmann denominou, “religiosidade voltada para igreja” (LUCKMANN, 2014, p. 55), em determinadas localidades, como em partes da Europa. Contudo, em outros locais, para Luckmann os EUA, e, posteriormente, para Berger, a América Latina, e, conseqüentemente, no Brasil, de forma oposta, ocorreu uma elevação da religião orientada para a Igreja.

Essa transformação consiste na adoção, pelas igrejas, de uma versão secular da ética protestante que, evidentemente, não resultou de uma política formulada, mas é o resultado de uma constelação original de fatores na história social e religiosa. (LUCKMANN, 2014. p. 57).

#### E ainda para Luckmann

Não há dúvida de que Catolicismo, protestantismo e judaísmo passaram por transformações estruturais semelhantes, como por uma burocratização segundo o modelo empresarial de organização racional e uma acomodação ao modo de vida “secular” (LUCKMANN, 2014. p. 55).

Portanto, como este projeto se propõe a compreender o processo de expansão do campo evangélico, em especial das igrejas autônomas que adotaram estratégias avivamentistas, se faz necessário metodologicamente, de acordo com Luckmann, adentrar o processo das transformações estruturais dessas igrejas, além de compreender o contexto da constelação de fatores na história social e religiosa brasileira, mas, também, as intersecções e intercâmbios com outras “periferias da modernidade” (LUCKMANN, 2014, p. 49). Berger compreende que esse crescimento das religiões passa inevitavelmente por um embate com a modernidade<sup>13</sup>, onde as religiões podem adaptar-se a ela, ou, negá-la através de duas possibilidades: “uma revolução religiosa” (BERGER, 2000, p. 11) na qual “tenta-se dominar uma sociedade como um todo e torna-se obrigatória para todos uma religião contra-moderna” (Idem), ou “criar subculturas religiosas destinadas a evitar as influências da sociedade circundante” (Idem). As comunidades evangélicas têm seu lugar social entre a adaptação e a constituição de uma subcultura que nega os valores “mundanos” e “humanistas” (FIGUEIRA, 2003, p. 12). A historiadora Karina Belotti compreendeu as adaptações como parte das transformações das igrejas evangélicas engendradas dentro da lógica contemporânea de mercado, onde a cultura secular representa uma competição aos valores e bens culturais produzidos pela cultura evangélica.

Sérgio da Mata vê na comparação entre religiões uma metodologia eficaz para ampliar a compreensão, não apenas unidimensional, do objeto estudado, além de concluir que são as comparações que possam parecer estranhas, devido às diferenças estruturais, as mais férteis, do ponto de vista metodológico. A partir dessa premissa, passa-se a comparar as estratégias avivamentistas com outro fenômeno religioso presente na América Latina, as comunidades eclesiais de base (CEBs). Apesar das diferenças teológicas, e, politicamente, diametralmente opostas, os dois fenômenos desenvolvem estruturas sociais análogas, que, para Leonardo Boff, “não podem pretender ser uma alternativa global à Igreja-instituição, mas seu permanente fermento renovador” (BOFF, 2008, p. 30). Leonardo Boff define as CEBs como uma

---

<sup>13</sup> Berger descreve a modernidade como um problema na qual as religiões passaram a ter que enfrentar e/ou adaptar-se, visto o fato da crescente pluralidade engendrada pela modernidade. O aumento da pluralidade abala a “plausibilidade das tradições” que demandam sustentação coletiva. Ver BERGER, Peter. Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis, RJ. Vozes, 2018.

ecliogênese, uma constituição de um novo formato eclesiológico, que permitiria que a igreja, a partir dessas novas estruturas de base, pudessem cumprir, para ele, a missão de evangelização.

Sérgio da Mata afirma que sempre ao questionar o “por quê das coisas, também estamos nos indagando a respeito de suas causas” (DA MATA, 2010, p. 75). Assim, a essa análise se apresenta o problema, a ser desenvolvido na pesquisa, sobre se tais estruturais sociais, analisadas como redes sociais, seriam parte constitutiva de uma nova eclesiologia, ou, então, a causa da conformação de uma nova eclesiologia. Portanto esse projeto utiliza-se do conceito desenvolvido por Leonardo Boff (ecliogênese) para comparar e compreender a possibilidade de uma nova eclesiologia, tendo as estratégias avivamentistas, em especial a visão celular, o produto e/ou causa constitutiva de uma nova eclesiologia.

Precisou-se, também, evidenciar as diferenças entre secularismo e secularidade, nas proposições de Monika Wohlrab-Sahr e Marian Burchardt. Secularismo se constitui como a teoria clássica de secularização, na qual a modernidade imbuída de avanços tecnológicos, além do crescimento da urbanização e industrialização, aceleraria o abandono societal das religiões, enquanto a secularidade é a diferenciação da religiosidade, ideia preponderante para o projeto ao focar a fronteira entre religiosidade e secularidade. Essa característica fronteira entre secularidade e religião na esfera pública é muito porosa, permeada de intersecções e contatos, acentuados e viabilizados pela modernidade. Quando se pensa o impulso ao secular através da ação social avivamentista, considerando os objetivos e sentidos da ação, presente na CCRP, tenta-se compreender os limites alcançados em detrimento das ações que buscam a expansão dos seguidores. Portanto busca-se evidenciar as tensões e distensões que se entrelaçam a partir do protagonismo de um movimento religioso, ou, então, dessecularizante.

#### Referências Bibliográficas

BEBBINGTON, David. *Evangelicalism in modern Britain: a history from the 1730's to 1980's*. Abingdon: Routledge, 1988;

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Promessas*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 2006

BELLOTTI, Karina Kosicki. Pluralismo protestante na América Latina. In: SILVA, Eliane Moura da; BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS, Leonildo Silveira (orgs). *Religião e sociedade na América Latina*. São Bernardo do Campo : Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

BELLOTTI, Karina Kosicki. *Delas é o reino dos céus: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (1950-2000)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2010;

BELLOTTI, Karina Kosicki. *Surfando nas ondas do Senhor: juventude evangélica e mídia no Brasil (anos 2000-2010)* RELEGENS THRÉSKEIA estudos e pesquisa em religião V. 03 – n. 01 – 2014

BERGER, Peter. *A dessecularização do mundo: uma visão global*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 21(1): 9-24, 2000

BERGER, Peter. *Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2018.

BOECHAT, João; DUTRA, Roberto; PY, Fábio. *Teologia da Prosperidade Campista: apóstolo Luciano e suas ressignificações religiosas na igreja pentecostal semear*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 38(2): 198-220, 2018.

BOFF, Leonardo. *Eclesiologênese: a reinvenção da igreja*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade: a era da informação*. Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018

CUNHA, Magali. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X; Instituto Mysterium, 2007.

DA MATA, Sérgio. *Sacralização da política, politização do sagrado (quando a Igreja se descortina)*. *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, nº 16, 142-157, 1996

DA MATA, Sérgio. *A teologia política do governo Bolsonaro*. In: DE ARAUJO, Valdeci Lopes; KLEN, Bruna S.; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria (orgs.). *Do Fake ao fato: (des) atualizando Bolsonaro*. Vitória: Editora Milfontes, 2020

DA MATA, Sérgio. *História & Religião*. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2010.

DE MORAES, Gerson Leite. *Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro*. *Revista de Estudos da Religião* junho / 2010 / pp. 1-19.

FERREIRA, Franklin. *Avivamento para a igreja: o poder do Espírito Santo e da oração na renovação da igreja*. São Paulo: Vida Nova, 2010

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente: desafios*. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000

FONSECA, André Doney. *História e Pentecostalismo*. In: REIS, Tiago Siqueira; et al (orgs.). *Coleção história do tempo presente: volume 1*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019

GRUDEM, Wayne; ASMUS, Barry. *Economia e política na cosmovisão cristã: contribuições para uma teologia evangélica*. São Paulo: Vida Nova, 2016

- JASPER, James M. Protesto: uma introdução aos movimentos sociais. Zahar, 2016.
- LUCKMANN, Thomas. A religião invisível. São Paulo: Olho d'Água; Loyola, 2014
- McALISTER, Walter. O pentecostal reformado. São Paulo. Vida Nova, 2018
- MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014
- MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. Fides Reforma, XI, n.2, p. 33-35, 2006.
- PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; DA MATA, Sérgio. Introdução: Transformações da experiência do tempo e pluralização do presente. In: VARELLA, Flávia Florentino; et al (orgs.). Tempo presente & usos do passado. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012
- PRANDI, Reginaldo. Um sopro do Espírito. São Paulo: Edusp, 1998.
- RODRIGUES, Donizete. Novos movimentos religiosos: Realidade e perspectiva sociológica. Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 12, v. 19(1), 2008
- SILVEIRA, Leonildo. Teatro, Templo e Mercado. Vozes/Simpósio Editora/Umesp, Petrópolis, São Paulo, São Bernardo do Campo, 1997
- SMITH, James K. A. Thinking in togues: Pentecostal contributions to Christian philosophy. Grand Rapids. Eerdmans, 2010
- TROELTSCH, Ernest. Igrejas e Seitas. Religião e Sociedade, 14 (3): 134-144, Rio de Janeiro
- VERNANT, Jean-Pierre. Entre Mito e Política. São Paulo, SP. Editora da Universidade de São Paulo, 2006
- WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva / Max Weber; tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn - Brasília, DF : Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999
- WOHLRAB-SAHR, Monika; BURCHARDT, Marian. Revisitando o secular: secularidades múltiplas e trajetórias para a modernidade. Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 16 - Nº 36 - Maio./Ago. de 2017